



(Foto do Sgt Gene Arnold, Com Soc, 1ª Div Inf)

Integrantes de uma equipe feminina de engajamento participam de um *shura*, ou reunião de consulta, de mulheres no prédio da Diretoria de Assuntos da Mulher, Província de Paktika, no Afeganistão, 21 Jul 12, para discutirem as necessidades e anseios do segmento feminino da população e ajudarem a melhorar suas condições de vida. Entre os temas abordados estavam a segurança, como sustentar-se e a educação.

# A Experiência da Equipe Feminina de Engajamento e o Futuro das Mulheres em Combate

Ashley Nicolas

O *status* das mulheres nas armas combatentes é um tema frequente nas mídias atualmente. Com a admissão de mulheres na Escola Básica do Corpo de Fuzileiros Navais dos Estados Unidos da América (EUA) (*The Basic School of the U.S. Marine Corps*) e a fase de teste da Escola de Comandos do Exército dos EUA (*U.S. Army Ranger School*), é possível ouvir argumentos dos dois lados da questão quanto ao que consideram ser as capacidades das mulheres nesses papéis. O discurso predominante tem sido o debate quanto ao que as mulheres podem aguentar, física e emocionalmente, e o que não estão, fundamentalmente, aptas a suportar. Outros argumentam que essa é uma questão de igualdade de direitos — que se deve permitir o ingresso de mulheres nas fileiras simplesmente porque se permite o ingresso de homens. Contudo, a questão não é se as mulheres norte-americanas estarão à altura do desafio; a questão é que a guerra moderna requer que as mulheres sejam parte integrante das Forças de combate.

## A Necessidade de Equipes Femininas de Engajamento

A necessidade de mulheres nesses papéis se evidenciou ao longo da última década de guerra. Os êxitos alcançados por Unidades no Exército, Forças Especiais e Corpo de Fuzileiros Navais dos EUA durante as Operações *Enduring Freedom* e *Iraqi Freedom* — que utilizaram desde as chamadas equipes “*Lioness*” (“Leoa”) a equipes femininas de engajamento (*Female Engagement Teams* — *FET*) e equipes de apoio cultural — demonstraram que a guerra moderna está modificando o papel das mulheres em combate. Segundo uma análise pós-ação, uma FET específica vasculhou centenas de complexos e revistou milhares de mulheres, descobrindo dados fundamentais de Inteligência<sup>1</sup>.

Essas constatações empíricas são indicativas do sucesso obtido por muitas Unidades desdobradas com as FET. O atual ambiente operacional apresenta um inimigo que explora a ausência de mulheres nas armas combatentes norte-americanas como uma fraqueza tática. Houve um preocupante aumento no número de mulheres e meninas ligadas ao grupo terrorista Boko Haram que se ofereceram como voluntárias em ataques suicidas. Ao que consta, mulheres-bomba ligadas ao Boko Haram executaram “mais de uma dezena de ataques [...] alguns deles chegando a resultar em 78



Escute o que autora tem a dizer sobre as mulheres em combate, em entrevista realizada em 27 Jan 13: [https://www.youtube.com/watch?v=tz\\_XcO\\_gEYQ](https://www.youtube.com/watch?v=tz_XcO_gEYQ)

vítimas”<sup>2</sup>. O emprego de mulheres-bomba com o intuito de explorar sensibilidades culturais, assim como a incapacidade de militares do sexo masculino para obter dados de Inteligência de mulheres e crianças, enfraquece a capacidade das Forças dos EUA para combater efetivamente<sup>3</sup>. Além disso, esses mesmos conflitos vêm ocorrendo em regiões onde a sensibilidade cultural é de extrema importância, ressaltando a necessidade crítica de que militares do sexo feminino desempenhem tarefas específicas, que os do sexo masculino não estão aptos a executar. Caso a recente ascensão do autodenominado Estado Islâmico (EI) seja um indício, essas condições não mudarão no futuro próximo.

Segundo um estudo conduzido em 2003 pela entidade National Center for Women and Policing, as “oficiais do sexo feminino utilizam um estilo de policiamento que emprega menos força física, são melhores em aplacar e reverter potenciais confrontos violentos com cidadãos e são menos propensas a envolver-se em problemas ligados ao uso de força excessiva”<sup>4</sup>. Essas descobertas são decerto algo a se considerar, uma vez que, na maioria dos nossos conflitos recentes, a população foi vista como centro de gravidade.

A patrulha de fronteira norte-americana também reconheceu essa necessidade. Conforme reportagem recente da agência de notícias Associated Press, a Alfândega e Proteção da Fronteira dos EUA (órgão que engloba a Patrulha de Fronteira) “obteve uma isenção federal para recrutar agentes exclusivamente do sexo feminino”<sup>5</sup>. Entre as razões apresentadas pelo órgão estavam a necessidade de assistência na condução de revista de mulheres e na interação com elas e com crianças — necessidades que espelham as das Forças Armadas dos

EUA. Considerando o papel do Exército dos EUA em missões de cunho humanitário, especialmente no combate ao Ebola, a importância de forjar relacionamentos e de trabalhar em meio às populações da nação-anfitriã continuará a aumentar como parte da missão da Força.

Contudo, alguns argumentos relacionados à integração geral de mulheres em Unidades combatentes têm certa validade. Alguns estudos indicam que as mulheres são muito mais propensas a lesões durante o treinamento que os homens. Segundo o relatório *Musculoskeletal Injuries in Military Women* (“Lesões Musculoesqueléticas em Mulheres Militares”), de 2011, a “combinação de anatomia e fisiologia parece predispor as mulheres a um risco mais elevado de fraturas de estresse pélvicas e lesões nos joelhos”. O relatório afirma que militares do sexo feminino são “cerca de 67% mais propensas que os militares do sexo masculino a serem afastadas por um distúrbio musculoesquelético”<sup>6</sup>.

Esses dados estatísticos, assim como as atribuições fisicamente exigentes de muitas dessas funções, colocaram em dúvida o número de mulheres fisicamente aptas a candidatar-se a elas. Embora o Pentágono tenha garantido que elevados padrões de qualificação serão mantidos, os mais céticos especulam se eles acabarão sendo reduzidos para satisfazer a demanda pela presença de mulheres por aqueles focalizados exclusivamente na igualdade<sup>7</sup>. Conforme declarou o Ten Cel Robert Maginnis, da Reserva Remunerada do Exército, à revista *Time*: “O alto-comando no Pentágono está se curvando diante de seus mestres políticos e das feministas radicais para remover as isenções para mulheres no combate terrestre, a despeito de evidências científicas convincentes”<sup>8</sup>.

Apesar dessas alegações, não há como negar a necessidade de mulheres em situações em que é provável a ocorrência de combate, o que suscita a questão: qual



(Foto do Sgt Kimberly Lessmeister, 69ª Bda Artilharia Defesa Antiaérea)

Oficial encarregada de uma equipe feminina de engajamento conversa com moradoras durante um *shura*, ou reunião de consulta, realizado em 15 Fev 13, no Distrito de Dand, Província de Kandahar, no Afeganistão.

é a melhor forma de empregar mulheres como multiplicadores de combate. Há um forte argumento em prol da presença de mulheres em uma qualificação militar separada, como “agente de engajamento”, função especificamente concebida para integrar Unidades de Infantaria. Essa qualificação militar se destinaria a atender à necessidade identificada mediante a seleção das mulheres mais qualificadas, que, além de satisfazerem os padrões físicos e mentais da Infantaria, seriam submetidas a uma instrução adicional, voltada ao papel singular que elas desempenhariam nessas Unidades. As experiências recentes das FET em preparação para o emprego no Afeganistão apresentam um modelo para a possível implantação de um programa como esse e para os desafios existentes na seleção, alocação de recursos e instrução.

## Experiências com a Equipe Feminina de Engajamento

Em 2011-2012, tive a honra de comandar uma FET na 4ª Brigada de Combate *Stryker* (SBCT), da 2ª Divisão de Infantaria, aquartelada na Base Conjunta de Lewis-McChord, no Estado de Washington. A 4ª SBCT foi enviada para o Comando Regional-Sul no Afeganistão na segunda metade de 2012. Sabíamos, antes do desdobramento, que a 4ª SBCT atuaria, primordialmente, como responsável pela área de operações do Distrito de Panjwai, com um batalhão de apoio no aeródromo de Kandahar.

Nove meses antes do desdobramento, decidiram acrescentar uma FET à brigada. Essa decisão foi tomada por várias razões. Primeiro, muitas das responsabilidades da brigada incluíam a atuação no âmbito das aldeias, especialmente durante o fechamento de bases. Além disso, por volta da mesma época que a 4ª SBCT começou a planejar o desdobramento, surgiu um requisito no Exército que exigia a incorporação das FET nas brigadas sendo enviadas para o Afeganistão. Em vários aspectos, esse requisito resultou diretamente dos êxitos obtidos pelas equipes em missões anteriores.

O fato de a decisão de formar a equipe ter sido feita com tanta antecedência permitiu à 4ª SBCT dedicar nove meses à instrução. Infelizmente, como estávamos alocando recursos internos à brigada, não pudemos selecionar qualquer militar do sexo feminino que estivesse interessada em fazer parte da equipe. Após eliminarmos as que não estavam aptas a serem empregadas, por

razões médicas, e aquelas cujas funções eram consideradas essenciais à missão, restou um grupo relativamente pequeno de mulheres a serem instruídas.

Isso levanta um primeiro ponto: é fundamental que as mulheres selecionadas para essas funções sejam voluntárias valorizadas por seu conjunto especial de habilidades, e não militares “extras” desempenhando um papel adicional. Se uma qualificação militar fosse criada especificamente para preencher a função de “agente de engajamento”, as brigadas não ficariam sobrecarregadas ao tentarem cumprir essa exigência com seus próprios efetivos. Além disso, quando o tempo e os recursos dedicados à equipe são tirados da brigada orgânica, a FET pode ser vista como uma distração do resto da missão, em vez de uma capacidade agregada.

Isso também cria uma situação em que a FET acaba tendo de disputar recursos com todas as outras Unidades da brigada. Sem uma linha específica no quadro de organização e dotação (QOD) modificado (*Modified Table of Organization and Equipment — MTOE*), a FET é, muitas vezes, deixada sem um forte representante nessa disputa<sup>9</sup>. Lembro-me, especificamente, de disputas prolongadas sobre a alocação de pistolas M9 a integrantes da equipe. Ainda que devesse ser óbvio por que havia uma necessidade, o fato de não ser um item discriminado no QOD modificado da brigada fazia com que a equipe de engajamento fosse vista como um problema logístico, e não como um meio que precisava ser aparelhado.

Conforme o planejamento de instrução da 4ª SBCT foi elaborado, um forte relacionamento formou-se entre a liderança da FET e a equipe de Higidez Total dos Militares e Familiares (*Comprehensive Soldier and Family Fitness*) na Base Conjunta de Lewis-McChord. O plano de instrução tinha como foco o conceito do militar “completo” — a preparação de militares bem equilibrados nos aspectos físico, mental e espiritual. As integrantes foram selecionadas para a equipe por demonstrarem maturidade, a disposição a adaptar-se e um forte compromisso com o trabalho de equipe. O plano de instrução elaborado junto à equipe de Higidez Total dos Militares e Familiares incluiu várias sessões sobre o desenvolvimento de uma identidade de equipe, comunicação, resistência mental, definição de objetivos e resiliência. Isso foi aliado a um esforço concentrado de desenvolver habilidades de “agente de engajamento”, que incluiu o trabalho junto às equipes móveis de



(Foto da Cb Kristina Truluck, 55ª Cia Com)

Sargento anota informações fornecidas por moradora em 17 Dez 11 no Centro da Mulher, próximo ao Centro do Distrito de Zhari, nos arredores da Base de Operações Avançada de Pasab, Província de Kandahar, Afeganistão. A equipe feminina de engajamento utilizará as informações para organizar a distribuição de cobertores e roupas de inverno às mulheres e familiares.

instrução do Forte Huachuca e programas de instrução cultural, para que as integrantes fossem bem preparadas na área de habilidades interpessoais, redação de relatórios, sensibilidade cultural e comunicação.

Foi realizada uma instrução adicional com o pelotão de polícia militar da brigada, tendo como foco as operações relativas a detentos e as revistas de pessoal e veículos. Esse seria um ponto fundamental na criação de uma nova qualificação militar. Cabe observar que as mulheres que preenchessem funções nas Unidades combatentes não seriam apenas infantis do sexo feminino. Teriam de desenvolver importantes habilidades que as tornariam um valioso recurso para sua Unidade. Como militares do sexo feminino nessas funções, teriam de ser preparadas para desempenhar um papel que é uma combinação singular de policial do Exército, agente de Inteligência humana e oficial de assuntos civis. Essa combinação exige uma instrução especial, uma seleção cuidadosa e uma iniciativa deliberada por parte do Comando de Recursos Humanos

do Exército dos EUA, com o intuito de assegurar que elas sejam colocadas nas funções certas no momento certo, para serem mais bem aproveitadas.

## Criação de Oportunidades para as Mulheres

O Exército preparou um sem-número de mulheres para preencher essas funções na última década, mas, devido à inexistência de um verdadeiro sistema de prestação de contas, de uniformidade na instrução e de uma avaliação adequada, não há um modo de verificar o padrão de qualidade da instrução das FET por toda a Força.

Além disso, como não existia nenhum sistema correspondente de acompanhamento e avaliação de pessoal, muitas das que se ofereceram para exercer essas funções acabaram não recebendo o reconhecimento que mereciam (honras ou avaliações), sendo, no final das contas, punidas por sua coragem em assumir esses papéis. Não receberam o mesmo impulso na carreira



(Foto da Cb Alisha Brand, Combat Camera, Afeganistão)

Menina afegã fita uma militar norte-americana durante reunião realizada em 20 Jun 11, em Baqi Tanah, Distrito de Spin Boldak, Província de Kandahar, no Afeganistão. Uma equipe feminina de engajamento da Força-Tarefa Combinada *Lightning* reuniu-se com mulheres e meninas, tendo como foco a educação sobre cuidados de saúde.

que muitos dos militares do sexo masculino, nem obtiveram o devido reconhecimento por seus esforços, embora houvessem combatido lado a lado com seus companheiros de armas.

Essa falta de benefício resultou, com frequência, da falta de entendimento. Ainda que o prontuário de uma militar possa mostrar que ela serviu em uma FET, a enorme variação em qualidade de instrução, graus de experiência e padrões de desempenho faz com que seja bastante difícil mensurar sua atuação em comparação com um outro militar que tenha servido em uma função amplamente conhecida e aceita, como comandante de uma fração de Infantaria, por exemplo.

Além disso, as militares que serviram nas FET durante a última década foram, muitas vezes, classificadas como “efetivos excedentes” a fim de possibilitar sua transferência para uma Unidade de Infantaria. Esse fato, aliado ao uso variável e pouco confiável do identificador de habilidades adicionais para FET, do Exército,

faz com que seja muito difícil para essas militares demonstrar suas realizações — com a devida documentação — perante comissões de promoção.

Essa falta de reconhecimento serve para criar “duas classes de militares baseadas em gênero — nenhuma das quais preserva um legítimo interesse de segurança nacional ou protege as mulheres contra o fogo inimigo. Em vez disso, protege e perpetua as barreiras à ascensão profissional que as mulheres nas Forças Armadas ainda não conseguiram destruir”<sup>10</sup>. A criação de uma qualificação militar específica de “agente de engajamento” ajudaria a mudar tudo isso.

Individualmente, nenhum dos itens citados alteraria a necessidade de abrir as portas da Escola de Comandos a todas as mulheres, independentemente da qualificação militar. Atualmente, essa escola é vista como a principal instituição de desenvolvimento de liderança disponível aos jovens graduados e oficiais. A exclusão de mulheres dessa instituição lhes nega as

experiências, instrução e reconhecimento obtidos na conclusão do curso. Essa barreira acaba afetando os índices de promoção e as oportunidades de emprego e perpetua a sensação de que as mulheres são “convidadas” nas Unidades de Infantaria, onde não tiveram uma oportunidade de provar sua credibilidade. Ao conduzir uma fase de testes, oferecer oportunidades de instrução às mulheres e manter padrões elevados, o Exército dos EUA parece estar lidando da forma correta com a integração e atacando o desafio de frente. Minha esperança é que, independentemente do resultado, as portas permaneçam abertas a todos os que se qualificarem.

## Conclusão

Embora as Forças dos EUA estejam encerrando o “capítulo” do Afeganistão, parece que os conflitos

com extremistas islâmicos não vão desaparecer tão cedo. O Exército dos EUA deve continuar a preparar-se para situações em que as mulheres exercerão um papel central em relacionar-se com a população, interagir com os líderes e satisfazer uma necessidade tática. A natureza da guerra moderna requer que mulheres sejam instruídas e preparadas para ocupar essas funções nas Forças Armadas dos EUA. A situação atual, em que a seleção e a instrução para militares nessas funções essenciais são deixadas a cargo da Unidade, não pode continuar. Está na hora de o Exército dos EUA identificar habilidades essenciais, padronizar a instrução e criar uma qualificação militar, a fim de dar continuidade aos sucessos de FET e equipes de apoio cultural anteriores nas futuras décadas. ■

*Ashley Nicolas é professora da organização Teach for America (AmeriCorps) em San Jose, Califórnia. Concluiu o bacharelado em Sociologia pela Academia Militar dos EUA, em 2009. Ex-capitão do Exército, serviu em Kandahar, no Afeganistão, como oficial encarregada da equipe feminina de engajamento da 4ª Brigada de Combate Stryker, da 2ª Divisão de Infantaria.*

## Referências

1. Anna C. Coll, “Evaluating Female Engagement Team Effectiveness in Afghanistan” (honors thesis, Wellesley College, 2012), <http://repository.wellesley.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1068&context=thesiscollection> (acesso em 8 jan. 2015).
2. Nina Stochlic, “The New Face of Boko Haram’s Terror: Teen Girls”, *The Daily Beast* on-line, 13 Dec. 2014, [http://www.thedailybeast.com/articles/2014/12/13/the-new-face-of-boko-haram-s-terror-teen-girls.html?utm\\_source=Sailthru&utm\\_medium=email&utm\\_term=\\*Situation%20Report&utm\\_campaign=2014\\_Situation%20Report%20PROMO%20-%20#](http://www.thedailybeast.com/articles/2014/12/13/the-new-face-of-boko-haram-s-terror-teen-girls.html?utm_source=Sailthru&utm_medium=email&utm_term=*Situation%20Report&utm_campaign=2014_Situation%20Report%20PROMO%20-%20#) (acesso em 8 jan. 2015).
3. Clark H. Summers, “Women: The Combat Multiplier of Asymmetric Warfare”, *Military Review*, 93(4)(July-August 2013): p. 71, [http://usacac.army.mil/CAC2/MilitaryReview/Archives/English/MilitaryReview\\_20130831\\_art013.pdf](http://usacac.army.mil/CAC2/MilitaryReview/Archives/English/MilitaryReview_20130831_art013.pdf) (acesso em 8 jan. 2015).
4. National Center for Women and Policing, *Hiring and Retaining More Women: The Advantages to Law Enforcement Agencies*, Feminist Majority Foundation report (Spring 2013), <http://womempolicing.com/pdf/NewAdvantagesReport.pdf> (acesso em 8 jan. 2015).
5. Astrid Galvan, “U.S. Border Patrol: Female Agents Wanted”, *Las Vegas Sun*, 8 Dec. 2014, <http://www.lasvegassun.com/news/2014/dec/08/us-border-patrol-female-agents-wanted/> (acesso em 8 jan. 2015).
6. Barbara A. Springer e Amy E. Ross, *Musculoskeletal Injuries in Military Women* (monograph, Borden Institute, 2011), <http://www.cs.amedd.army.mil/borden/FileDownloadpublic.aspx?docid=b42d1acd-0b32-4d26-8e22-4a518be998f7> (acesso em 8 jan. 2015).
7. David Wood, “Leon Panetta Clears Women for Combat, Declares Right to Fight”, *Huffington Post* online, 24 Jan. 2013, [http://www.huffingtonpost.com/2013/01/24/leon-panetta-women-combat\\_n\\_2541847.html](http://www.huffingtonpost.com/2013/01/24/leon-panetta-women-combat_n_2541847.html) (acesso em 8 jan. 2015).
8. Mark Thompson, “The Cowardly Push to Get Women into Combat”, *Time.com*, 26 July 2013, <http://nation.time.com/2013/07/25/the-cowardly-push-to-get-women-into-combat> (acesso em 8 jan. 2015).
9. Um quadro de organização e dotação modificado (*Modified Table of Organization and Equipment — MTOE*) é um documento que identifica a organização, os efetivos e os equipamentos autorizados para uma Unidade. Por serem Unidades *ad hoc* (não constam dos MTOE), as FET não receberam, automaticamente, os efetivos e equipamentos necessários para cumprir suas missões.
10. Katie Miller e Lindsay Rosenthal, “Women and Warfare: Denying Combat Recognition Creates ‘Brass Ceiling’”, *site do Center for American Progress*, 20 Dec. 2012, <https://www.americanprogress.org/issues/military/news/2012/12/20/48619/women-and-warfare-denying-combat-recognition-creates-brass-ceiling/> (acesso em 7 jan. 2015).